

DIOCESE DE PALMAS-FRANCISCO BELTRÃO

DIRETÓRIO DO SACRAMENTO DA
EUCARISTIA

2019

Sumário

Lista de siglas.	3
Introdução.	4
I - Fundamentação Bíblica	4
II - Dimensões Teológico-Doutrinais	5
III - Diretrizes Pastorais.	7
IV – Quanto a Celebração Eucarística.	10

Lista de siglas

CaIC – Catecismo da Igreja Católica

CIC – Código de Direito Canônico

EG – *Evangelii Gaudium*

FC – *Familiaris Consortio*, Exortação Apostólica, Papa João Paulo II

SC – *Sacrosanctum Concilium*, Constituição do Concílio Vaticano II, sobre a Sagrada Liturgia
(1963)

INTRODUÇÃO

Jesus instituiu a Eucaristia na Última Ceia. Desde então, a Igreja nunca cessou de celebrá-la, crendo firmemente na presença do Senhor na Hóstia consagrada e convidando os fiéis a se reunirem frequentemente, para celebrar a Eucaristia de Deus e o seu louvor. Uma vez unidos ao Corpo de Cristo, tornamo-nos seus membros, a fim de nos transformarmos naquele que recebemos. A Eucaristia é o nosso tesouro mais precioso. É o Sacramento por excelência. Contém em si todo o mistério da nossa salvação. É a fonte e o ápice da ação e da vida da Igreja.

I - FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

A Igreja Católica encontra as origens da Eucaristia nas ações e palavras do próprio Jesus Cristo, tal como foram registradas nos três Evangelhos sinóticos, no Evangelho de João e nos escritos de São Paulo, no Novo Testamento (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19s; 1 Cor 11,23-29). O uso do pão e do vinho, como oferenda, começa ainda sob a Antiga Aliança e é descrita no Livro do Gênesis: “E Melquizedeque, rei de Salem, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14,18). Ao iniciarem o êxodo do Egito, os judeus comeram pão sem fermento (Ex 12,15). O último “cálice de bênção” ao término da refeição da Páscoa, era um cálice de vinho que celebrava o fato de Deus haver abençoado seu povo escolhido. Eles comeram maná – pão enviado do Céu.

A vida de Jesus começou em *Beth-Lechem* (Belém) que significa “a Casa do Pão” (Mt 2,1). Seu primeiro milagre público ocorreu numa festa de casamento em Caná (cf. Jo 2,2-5), onde Ele transformou água em vinho. Com o milagre da multiplicação dos pães (cf. Mt 14,14-20) Jesus, ao abençoar os pães e distribuí-los, prefigurou a superabundância de pão sem igual que viria a ser Eucaristia. Foi na sinagoga de Cafarnaum, por época do banquete de Páscoa, que Jesus começou a mostrar a natureza de sua Eucaristia aos que O seguiam: “Esforçai-vos, não pelo alimento que se estraga, e sim pelo alimento que permanece até à vida eterna. É este o alimento que o Filho do homem vos dará, porque Deus Pai o marcou com seu selo” (Jo 6,27).

Quando os seguidores dele perguntaram sobre a natureza deste alimento eterno, Jesus respondeu: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim já não terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede” (Jo 6,35). Jesus disse a eles: “Eu sou o pão vivo descido do céu. Se alguém comer deste pão viverá para sempre. E o pão que eu darei é minha carne para a vida do mundo” (Jo 6,51). Em Jo 6,53-56 lemos: “Em verdade, em verdade eu vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Porque minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele”.

Notemos que, ao dar aos Apóstolos o pão e o vinho consagrados, Jesus lhes apresentava o seu corpo entregue (cf. 22,19) e o seu sangue **derramado pela remissão dos pecados** (cf. Lc 22,20; Mc 14,24). No estilo bíblico, as duas expressões “entregar, dar o corpo (ou a alma)” e “derramar o sangue (pelos pecados)” indicam a imolação de um sacrifício propriamente dito. Com efeito, o sentido de “dar o corpo, a alma” entende-se a partir de Is 53,12; Mt 20,20; Rm 8,32; Gl 1,4; 2,20; Ef 5,25; 1 Tm 2,6; Tt 2,14; Hb 10, 10. O sentido sacrificial e expiatório de “derramar o sangue (pelos pecados)” encontra-se em Rm 3,25; 5,9; Ef 1,7; Hb 9,7; 1 Pd 1,19; 1 Jo 1,7. Na Última Ceia Jesus não ofereceu apenas o seu Corpo e o seu Sangue aos apóstolos como alimento, mas ofereceu-os por eles, em favor destes, o que incute o caráter sacrificial do rito (cf. Lc 22,19s).

Mais ainda: ao falar do sangue da nova Aliança na ceia, Jesus aludia a Ex 24,8, texto em que Moisés apresenta o sangue da antiga Aliança “Este é o sangue da Aliança que Javé pactuou convosco”. Cristo assim oferecia-se como vítima para selar a definitiva Aliança, em lugar da vítima irracional (animal) cujo sangue selava a primeira Aliança no Sinai. Jesus assim opunha sangue a sangue,

sacrifício a sacrifício, imolação realizada na Última Ceia à imolação realizada outrora no deserto. A Última Ceia aparece como a nova Páscoa, que, mediante o sangue do verdadeiro Cordeiro imolado pelos pecados do mundo (cf. Jo 1,29), faz cessar os numerosos e imperfeitos sacrifícios do Antigo Testamento (cf. 1 Cor 5,7; Jr 31,31-33).

Foi na Última Ceia que Jesus mandou os Apóstolos repetirem os seus gestos e palavras. Dessa Última Ceia, a qual Jesus atribuiu o significado de sacrifício (Lc 22,19-20; 1 Cor 11,24) é que recordamos: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim” e, depois, “Este cálice é a nova aliança em meu sangue, todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim” (1 Cor 11,25). Desta ordem concluíram os Apóstolos e as comunidades posteriores que, todas as vezes que renovavam a Ceia do Senhor (também chamada Eucaristia), realizavam a oblação de uma Vítima (Cristo) ou de um sacrifício. Dessa forma, a Epístola aos Hebreus coloca solenemente a unicidade do sacrifício de Cristo oferecido outrora no Calvário. Cristo aparece como o **Sacerdote Único** (cf. Hb 4,14; 6,20; 7,21.23s), que se oferece como **Vítima Única e Perfeita** (cf. Hb 7,28) **numa oblação definitiva** (cf. Hb 9,11-14.25-28; 10). O Senhor Jesus não precisa se oferecer muitas vezes, mas sua oblação foi feita uma vez por todas, porque, à diferença do que se dava com os sacrifícios de animais irracionais do Antigo Testamento, a oferta de Cristo possui valor infinito, capaz de expiar todos os pecados do gênero humano (cf. Hb 4,14; 7,27; 9,12.25s. 28; 10,12.14). A ceia, por isso, não pode ser senão o ato de "tornar presente" (sem multiplicar) através dos tempos, e de maneira sacramental, o único sacrifício de Cristo oferecido uma vez por todas e por todos.

II - DIMENSÕES TEOLÓGICO-DOCTRINAIS

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) recorda que: “Na Última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue, com o qual perpetua pelos séculos, até a sua volta, o sacrifício da cruz, confiando, deste modo, à Igreja, sua amada esposa, o memorial de sua morte e ressurreição: sacramento da piedade, sinal da unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Cristo é recebido como alimento, o espírito é cumulado de graça e nos é dado o penhor da glória futura” (SC, 47).

2.1 - Dimensão Teológica

O Catecismo da Igreja Católica (CaIC) nos instrui que a Eucaristia é sacrifício de ação de graças e de louvor, por meio de Cristo, ao Pai pelos dons da criação, da redenção e da santificação (cf. CaIC, 1360-1361). É atualização/presentificação do único sacrifício de Cristo, isto é, memorial de sua Paixão, Morte e Ressurreição. “O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício: ‘É uma só e mesma vítima, é o mesmo que se oferece agora pelo ministério dos sacerdotes, que se ofereceu a si mesmo então na cruz’” (CaIC, 1367). O sacrifício expiatório cruento de Cristo na cruz se torna presente e atual sobre o altar de maneira incruenta (sem derramamento de sangue). Desta forma, o sacrifício do altar une o sacrifício da Igreja, é oferecido pelos seus membros e para os seus membros. Nele a Igreja se une à oferta do seu Senhor.

A Eucaristia é presença de Cristo: “(...) Cristo está presente em sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no Sacrifício Eucarístico, seja na pessoa do ministro, ‘pois, aquele que oferece agora pelo ministério do sacerdote é o mesmo que se ofereceu outrora na cruz, seja, sobretudo, nas espécies eucarísticas. Está presente com sua força nos Sacramentos (...). Está presente na sua Palavra, pois é Cristo que fala quando se proclama na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente ainda quando a Igreja ora e canta salmos (...)’” (SC, 7). No Pão e no Vinho consagrados está presente verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. CaIC, 1374). “Pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo nosso Senhor e de toda a substância do

vinho na substância do seu Sangue. A esta mudança, a Igreja católica denominou, com acerto e exatidão, transubstanciação” (CaIC, 1376). Cristo está verdadeiramente e inteiramente presente em cada partícula de Pão consagrado e em cada gota de Vinho consagrado, permanecendo sua presença enquanto permanecerem a matéria do pão e do vinho (cf. CaIC, 1377).

A Eucaristia é sacrifício de comunhão e banquete pascal. O altar manifesta a dupla dimensão do mistério: altar do sacrifício e mesa do Senhor. O mandato do Senhor é explícito: “Tomai e comei... Tomai e bebei...”. A Igreja exige, ao menos, a comunhão anual, preferentemente por ocasião das festividades pascais. Todavia, recomenda vivamente a comunhão dominical e, se possível, diária (cf. CaIC, 1389).

2.2 - Dimensão Celebrativa

Recorda o Catecismo da Igreja Católica que “toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, celebra” (CaIC, 1140). No entanto, na diversidade de dons e ministérios, é presidida pelos ministros ordenados. “Visto que o sacramento da Igreja manifesta-se plenamente na Eucaristia, é na presidência da Eucaristia que o ministério do Bispo aparece primeiro, e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e dos diáconos” (CaIC, 1142).

“As duas partes que, de certa maneira, compõem a santa Missa, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, estão ligadas tão intimamente que constituem um só ato de culto” (SC, 56). A Igreja alimenta os fiéis com o Pão da Palavra e com o Pão da Eucaristia.

Cumprindo a ordem do Senhor, a Igreja celebra o memorial do sacrifício da cruz. “Ao fazermos isto, oferecemos ao Pai o que ele mesmo nos deu: os dons de sua criação, o pão e o vinho, que pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo se tornaram o Corpo e o Sangue de Cristo, o qual, assim, se torna real e misteriosamente presente” (CaIC, 1357). Pela epiclese, isto é, invocação do Espírito Santo (“Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito...”) e pelo relato da instituição (“Tomai, todos, e comei... Tomai, todos, e bebei...”), “a força das palavras e da ação de Cristo e o poder do Espírito Santo tornam sacramentalmente presentes, sob as espécies do pão e do vinho, o Corpo e o Sangue de Cristo, seu sacrifício oferecido na cruz uma vez por todas” (CaIC, 1353). Ademais, exige-se, como nos demais sacramentos, a conformação da intenção do ministro com a intenção da Igreja. A ausência das palavras da consagração aprovadas e estabelecidas no Missal Romano ou o uso de paráfrases sem as palavras explícitas instituídas pela Igreja tornam nulo o sacramento, constituindo simples simulação.

À presença eucarística de Cristo durante a Missa, conservada no sacrário ou em exposição pública, a Igreja presta culto de adoração por meio da genuflexão ou, por motivos de saúde, inclinação profunda (cf. CaIC, 1378). Ademais, exorta os fiéis à adoração silenciosa diante do sacrário (cf. CaIC, 1379): “A visita ao Santíssimo Sacramento é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo, nosso Senhor” (São Paulo VI).

2.3 - Dimensão Eclesial

A Eucaristia é o sacramento da plenitude: “Do ponto de vista dos três sacramentos da iniciação, a Eucaristia é uma culminância, um sinal de plena e definitiva inserção na Igreja. Participando da mesa eucarística, o crente se alimenta e se sente cada vez mais membro da Igreja. Por ser a Eucaristia o mistério central da vida cristã, é necessário desenvolver, nos iniciados, sentimentos e atitudes que os levem a reconhecer o Senhor no pão partido” (Doc. 107 CNBB, n. 133).

A comunidade cristã se alimenta da Eucaristia: “A Eucaristia é o momento principal da vida comunitária, pois é sacramento de comunhão e reconciliação. Ela é o encontro de Deus com a comunidade, da comunidade com Deus e dos membros da comunidade entre si” (Doc. 100 CNBB, n. 181).

“A Eucaristia é ‘fonte e ápice de toda a vida cristã’: Os demais sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e tarefas apostólicas, ligam-se à sagrada Eucaristia e a ela se ordenam, pois, a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa” (CaIC, 1324).

Na Eucaristia se celebra tudo o que a Igreja crê, é o resumo da fé católica. Por conseguinte, tomar parte no banquete eucarístico é expressão e alimento da comunhão plena com a Igreja (cf. CaIC, 1327).

2.4 - Dimensão Espiritual

Ensina-nos o Catecismo da Igreja Católica que a “santa comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo aumenta a união do comungante com o Senhor, perdoa-lhe os pecados veniais e o preserva dos pecados graves. Por serem reforçados os laços de caridade entre o comungante e Cristo, a recepção deste sacramento reforça a unidade da Igreja, corpo místico de Cristo” (CaIC, 1416). Ademais, é preciso recordar que “a Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (*Evangelii Gaudium*, n. 47).

2.5 - Dimensão Social

A Eucaristia impele para a missão, inflama para o testemunho cristão e impulsiona a evangelização. Alimentados à mesma mesa e do mesmo Sacrifício, a Eucaristia compromete com os mais pobres, levando a reconhecer neles a presença espiritual do Senhor. “Os membros da comunidade vivem o compromisso social, especialmente promovendo a justiça e os direitos humanos, numa evangélica opção pelos pobres e na prática da ética do cuidado com todos os necessitados da sociedade” (Doc. 100 CNBB, n. 183).

A Eucaristia é o Pão da vida eterna e alimento de ressurreição: “Tendo Cristo passado deste mundo ao Pai, nos dá, na Eucaristia, o penhor da glória junto dele: a participação no santo sacrifício nos identifica com seu coração; sustenta nossas forças, durante a peregrinação desta vida; nos faz desejar a vida eterna; nos une, desde já, à Igreja do céu, à santa Virgem Maria e a todos os santos” (CaIC, 1419). A celebração eucarística é antecipação e clamor para a vinda do Reino de Deus. A comunhão eucarística é garantia de eternidade e de ressurreição: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54).

III - DIRETRIZES PASTORAIS

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC,48), afirma que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos participem da Eucaristia de forma consciente, ativa e piedosa, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações. Por isso:

- a. Que em todas as paróquias e comunidades haja uma pastoral litúrgica que junto com os padres pensem a caminhada litúrgica, a formação e organização das equipes de celebração.
- b. Procurem as equipes de celebração, juntamente com o pároco ou quem lhe faz as vezes, durante a semana, preparar bem as celebrações para que a Eucaristia dominical seja realmente o ponto alto da vida da comunidade.
- c. Não basta ter bons proclamadores da Palavra, bons animadores, cantores, uma boa pastoral da acolhida, um bom presidente da celebração. É preciso que juntos formem uma equipe de celebração. Toda a equipe é responsável pelo canto, pela leitura, por um clima de oração e participação.

- d. “Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu ofício, a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas” (SC, 28).

3.1 - INICIAÇÃO À VIDA EUCARÍSTICA

- a. Sejam as crianças motivadas a participar das celebrações litúrgicas na comunidade desde o início da catequese juntamente com seus pais.
- b. Os candidatos à Iniciação à Vida Eucarística sejam devidamente preparados por uma catequese de (03) três anos de duração (cf. Diretório Diocesano da Catequese) feita na comunidade ou paróquia onde residem os pais.
- c. Quanto à idade do início da catequese catecumenal, observem-se as Diretrizes e Normas da Diocese de Palmas/Francisco Beltrão, que se encontram no Diretório da Catequese.
- d. A celebração da Iniciação à Vida Eucarística é uma festa da comunidade, portanto:
 - Seja celebrada de forma solene com as crianças, adolescentes, jovens, adultos, famílias e comunidade paroquial.
 - Na medida do possível evitar que esta celebração aconteça nos seguintes tempo litúrgicos: Quaresma e Advento, ou no final do ano como uma “formatura”.
 - Deve acontecer na comunidade onde a criança e sua família participam da caminhada catequética, seja na cidade ou interior. Por isso, não se deve reunir todos na matriz em apenas uma data, ainda que tenha um número reduzido de crianças, deve-se valorizar a comunidade à qual a criança pertence.
- e. Quanto às vestes, procurem que sejam simples, evitando-se todo o luxo e discriminação social.
- f. Celebre-se o Sacramento da Penitência, com atendimento individual dos catequizandos, de seus pais e padrinhos, próximo à celebração da Iniciação à Vida Eucarística.
- g. A renovação das promessas do Batismo seja, preferencialmente, feita numa celebração dentro do processo de Iniciação à Vida Eucarística. A mesma seja celebrada com solenidade, na presença dos pais e da comunidade.
- h. A celebração de iniciação à vida eucarística se realize, de preferência, num domingo ou dia santificado, de maneira festiva e piedosa.
- i. Sejam observados o espírito de simplicidade evangélica, a sobriedade no vestuário e na decoração, e a discrição na filmagem e nas fotografias.
- j. A distribuição da comunhão, aos que estão participando dela pela primeira vez, seja feita pelo presidente da assembleia.
- k. Para os jovens e adultos, que buscam a Iniciação à Vida Eucarística, observe-se as orientações do Diretório Diocesano da Catequese – Diocese de Palmas/Francisco Beltrão.

3.2 - PARTICIPAÇÃO NA COMUNHÃO EUCARÍSTICA

Sendo a Celebração Eucarística a Ceia Pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor Jesus, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis devidamente preparados.

- a. Para participar da comunhão é necessário:
 - Acreditar que Jesus Cristo está realmente presente na Eucaristia;
 - Estar em comunhão com a Igreja, isto é, acreditar no que a Igreja acredita e ensina, inclusive o que se refere a doutrina social e à moral;
 - Viver unidos como irmãos, sem ódio, brigas, violências, injustiças...
 - Ter consciência de estar livre de culpa grave;

- Arrepende-se e confessa-se dos pecados, se for necessário.
- b. Procurem os sacerdotes e os ministros conscientizar a comunidade de quem não pode comungar:
 - Quem não tem participação regular nas missas, cultos e na vida da comunidade;
 - Quem não apresenta publicamente comportamento condizente com a vivência cristã: prostituição, aborto, infidelidade conjugal, os que praticam injustiça, oprimem e exploram os irmãos ou praticam violência na família (*Familiares Consortio*, 84, CIC, cân. 915).
- c. Em missas de casamentos e exéquias com muita participação, chame-se a atenção dos participantes a respeito da dignidade e santidade do Sacramento, e, se for necessário, convidem-se para a comunhão apenas os noivos ou familiares do defunto, se estiverem preparados.

d. Jejum Eucarístico

A Igreja orienta o jejum eucarístico prévio de, ao menos, uma hora de alimento e três horas de bebidas alcóolicas antes de receber a comunhão. Excetua-se deste jejum: água e remédios, bem como aqueles que realizam tratamentos de saúde (cf. CaIC, 1387).

e. Celíacos

As pessoas que não conseguem comungar a hóstia, mesmo com baixo teor de glúten podem receber a comunhão sob a espécie do vinho somente. Para isso, cada um tenha o seu próprio cálice, que será colocado no altar antes da celebração eucarística. Cabe aos sacerdotes, quando procurados por celíacos, possibilitar a comunhão sob a espécie do vinho.

f. Comunhão na mão

A comunhão na mão deve manifestar, tanto quanto a comunhão na boca, o respeito pela presença real de Cristo na Eucaristia. Que as mãos sejam postas tal como um “altar” dando à Eucaristia a dignidade merecida.

Não se deve obrigar o fiel a receber a comunhão na mão. Deixar-se-á a liberdade de receber a comunhão na mão ou na boca.

É da Igreja que o fiel recebe a Eucaristia, por isso deve recebê-la sempre do ministro que distribui a comunhão e não se servir a si mesmo.

3.3. MISSAS PARA DIVERSAS NECESSIDADES

- a. Nas datas importantes das nações, os fiéis rezem pelos governantes nas Igrejas. Sendo que desaconselha-se a celebração de missas em comemorações políticas.
- b. Outras missas (15 anos, formatura, etc.) aceitam-se somente quando existe uma comunidade de fé, evitando-se que a missa seja mero fato social.

3.4. MISSAS DOS FIÉIS DEFUNTOS

- a. As missas de corpo presente, sétimo dia, trigésimo dia, sejam devidamente preparadas com antecedência para se tornarem instrumentos de evangelização.
- b. Sejam celebradas como momento especial de auxílio e oração pelos mortos. Mas também de consolo e fortalecimento da fé na ressurreição e no amor de Deus para com cada pessoa.

IV – QUANTO À CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

Deve-se respeitar a estrutura fundamental da Celebração Eucarística, conforme o exemplo e o mandato do Senhor – tomou o pão, deu graças, partiu o pão e o deu a seus discípulos, depois tomou o cálice, deu graças e o deu a seus discípulos – para assim celebrar sua entrega total ao Pai. De fato, nós fazemos na Missa o que Jesus fez na Última Ceia: Ele tomou o pão, na preparação das oferendas o pão e o vinho são levados ao altar; Jesus deu graças, nós rezamos a oração eucarística; Jesus partiu o pão, nós o fazemos também antes da comunhão e acompanhamos esta fração do pão com o canto do “Cordeiro de Deus”; Ele deu o Pão, os ministros dão o Corpo e o Sangue de Cristo na comunhão.

Não se saliente indevidamente os elementos que não pertencem à estrutura fundamental da Missa, como adoração prolongada no centro da oração eucarística, depois das palavras de Jesus sobre o pão e o vinho; não se enfraqueça a força do “Amém” final da oração eucarística, pela recitação em comum da doxologia (Guia Litúrgico-Pastoral CNBB, 2ª ed. p. 24).

a. A estrutura da celebração

No Novo Testamento, encontramos vestígios de uma Liturgia da Palavra, que precede a própria ceia eucarística, sobretudo no caminho dos dois discípulos de Emaús (cf, Lc 24,13-35) e em Trôade (cf. At 20, 7-12). Desde o segundo século, estas duas partes da Missa – Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística -, que formam um único ato de culto, são claramente documentadas (Guia Litúrgico-Pastoral, p. 24).

Os ritos iniciais e finais da Missa completam a estrutura da Celebração Eucarística. Eles não devem, no entanto, receber um peso indevido. Deve-se ter cuidado também com o silêncio ou canto ou oração meditativos depois da comunhão: eles não deveriam ser chamados de “ação de graças”, porque ação de graças é a Missa toda, mais explicitamente a Oração Eucarística (Guia Litúrgico-Pastoral, p. 24).

b. Ano Litúrgico

Os sagrados tempos e festas do ano litúrgico: Advento, Quaresma, Natal, Páscoa, Pentecostes, festa do padroeiro (a), sejam momentos fortes em todas as comunidades para reavivar a fé e o culto à Eucaristia, por meio de uma programação espiritual específica e intensa, de acordo com cada realidade.

c. Subsídios e cantos litúrgicos

Os subsídios litúrgicos utilizados nas celebrações sirvam somente como orientação para as equipes de celebração. Observe-se, pois, as orientações da Diocese de Palmas-Francisco Beltrão sobre os subsídios a serem utilizados.

Na escolha de cantos para a Celebração Eucarística, tenha-se cuidado de observar o sentido da celebração e das partes da Missa, bem como o tempo litúrgico vivenciado pela Igreja. O livro de cantos da Diocese de Palmas-Francisco Beltrão – Celebrar Cantando - em sua terceira edição, traz importantes orientações sobre o canto litúrgico ao início de cada seção de cantos.

d. Lugar da celebração e ambiente celebrativo

O lugar da Celebração Eucarística é a igreja matriz e as capelas, ou na falta dessas, outro lugar preparado com dignidade.

Tendo em vista a importância do mistério eucarístico, cuide-se, com a ajuda de especialistas, do ambiente sagrado, para que seja revestido de arte e bom gosto. Cuide-se, também, da limpeza e conservação do local da celebração, das alfaias, dos vasos e livros sagrados e, especialmente, da reserva eucarística.

Tenha-se um especial cuidado em destacar e respeitar o Altar (fixo). Ao lado de fora do Altar, estejam a Cruz (com o Crucificado) e as velas (que poderão ser colocadas sobre o altar). Não devem ser colocadas flores sobre o altar.

Valorize-se devidamente a Mesa da Palavra (Ambão), ao lado da Mesa Eucarística (Altar).

Haja um lugar próprio (não ornamentado e mais simples do que o Ambão, dada a natureza de sua função) para o animador e para a comunicação de avisos para a comunidade. O ideal é que não esteja no mesmo nível do Ambão, mas abaixo.

O Tabernáculo, onde se conservam as hóstias consagradas para a administração do Viático e, também, para a adoração de Jesus Eucarístico, esteja em um lugar de honra, ou numa Capela especial, visível para quem entra na Igreja e de fácil acesso. Seja inamovível e construído de matéria sólida; não transparente; de tal modo fechado e seguro que se evite o perigo de profanação.

Os fieis sejam incentivados a reconhecer a presença real de Cristo na Eucaristia, fazendo genuflexão ao entrar e ao sair da igreja, mantendo um silêncio respeitoso e de oração antes e depois das celebrações.

Mantenha-se sempre acesa, nas Igrejas, a lâmpada do Santíssimo Sacramento, como indicativa da presença de Jesus Eucarístico no Tabernáculo.

Os corporais e sanguíneos utilizados nas Celebrações Eucarísticas devem ter pessoa responsável para lavá-los, em bacia exclusiva para este fim, e a água dessas lavagens deve ser colocada em “piscinas” adequadas para esse uso ou em vasos de plantas.

SUGESTÕES PARA VIVENCIAR A EUCARISTIA

- a. Oferecer catequese permanente sobre a Eucaristia;
- b. Comprometer a comunidade com o compromisso de comunhão e participação nascido da Eucaristia;
- c. Dar acompanhamento aos que já foram iniciados na Eucaristia com encontros sistemáticos, inserindo-os na vida da comunidade;
- d. Promover Congresso Eucarístico Paroquial.